

Internacionalização como desafio ao impacto da globalização: contribuições da enfermagem

Dirce Stein Backes¹, Marli Stein Backes², Valéria Lerch Lunardi³, Alacoque Lorenzini Erdmann², Andreas Büscher⁴

Hoje a internacionalização deve ser assumida não mais como meio, mas como fim. Diz respeito a se movimentar e relacionar-se na sociedade globalizada, sem fronteiras e centrada no conhecimento. Além de estratégia prioritária das agendas governamentais, trata-se de um compromisso a ser assumido pelas universidades e também pelos profissionais, em geral, como desafio ao impacto da globalização.

A globalização tem seu foco no fluxo mundial de ideias, recursos, pessoas, economias, conhecimento, bens, serviços e tecnologias, enquanto a internacionalização enfatiza o relacionamento entre as nações, povos, culturas e valores, a partir da mobilidade dos seres humanos.

Assim, a internacionalização da educação superior é uma das formas para se responder ao impacto da globalização⁽¹⁻²⁾. Tal processo pode estar relacionado à educação e à cooperação internacional, à educação transnacional, à educação através das fronteiras, à educação sem fronteiras e outros. Qualquer que seja a terminologia usada, a internacionalização, articulada ao processo de globalização, requer novas competências de cunho internacional, as quais geram uma série de demandas para as instituições de educação superior, as profissões e os pesquisadores⁽³⁻⁴⁾.

A Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI concebe a internacionalização da educação superior como uma tecnologia capaz de oferecer oportunidades diferenciadas para reduzir as disparidades regionais. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) visualiza nesse fenômeno uma possibilidade de promover justiça e equidade social, baseadas na solidariedade, no respeito mútuo, na promoção de valores humanísticos e no diálogo intercultural.

Por ser um fenômeno irreversível e de abrangência global, a internacionalização tem gerado importante impacto na forma de conceber os cuidados em saúde, assim como na forma de educar e investigar em Enfermagem. Logo, é importante que a Enfermagem esteja preparada para fornecer cuidados culturalmente competentes, que considerem as singularidades dos indivíduos, famílias e comunidades, em um contexto no qual os idiomas, culturas, valores e necessidades podem ser diferentes. A exigência de linguagens comuns, o respeito às diferenças e a valorização de habilidades sociais como técnicas essenciais ao cuidado requerem profissionais com visão ampliada e contextualizada, isto é, profissionais capazes de ir além de seu espaço geográfico⁽⁵⁾.

Participar de um programa de mobilidade acadêmica internacional revela ganhos de diversas ordens: associados à produção científica, sobretudo em relação ao avanço do conhecimento no que se refere aos métodos de pesquisa e referenciais teóricos; à formação profissional, pelo debate de ideias e contato com perspectivas teóricas e metodológicas de domínio dos centros de excelência, e ainda ganhos culturais simbólicos. No plano institucional, contribui para estreitar relações com instituições de reconhecido mérito acadêmico, as quais favorecem o avanço e a consolidação do conhecimento científico, tecnológico e de inovação na área de interesse⁽²⁾.

No que se refere à Enfermagem brasileira, um impulso adicional para a busca da internacionalização deve ser creditado ao processo de avaliação dos programas de pós-graduação e, mais recentemente, aos programas de graduação, que passaram a atribuir um peso importante a esse movimento de mobilidade acadêmica.

Na Enfermagem, a internacionalização tem propiciado um fluxo profícuo de saberes e fazeres entre os países, favorecendo o compartilhamento de ideias e práticas, de modo a ampliar os horizontes da ciência da Enfermagem e da saúde. Já resultou na materialização de vários programas de cooperação internacional, tais como: a criação do Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), constituído por representantes de 132 países, a Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem (CIPE), a proposição de sistemas de ensino à distância, a criação da Rede de Enfermagem da América Latina (REAL), a participação de enfermeiros em conselhos editoriais e comitês científicos das revistas internacionais, a International Nursing PhD Collaboration - programa colaborativo de Doutorado em Enfermagem em parceria com universidades de diversos países. Esse último

¹ Professora Doutora e Pesquisadora, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil. backesdirce@ig.com.br ² Professora Doutora, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. ³ Professora Doutora, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil. ⁴ Professor Doutor, Pesquisador na University of Applied Sciences – HO, Alemanha.

programa destaca-se por desenvolver uma rede de pesquisadores, docentes e estudantes que trabalham em colaborações sustentáveis e de longa duração, compartilhando metodologias efetivas e inovadoras para estudos de Enfermagem, cuidado e promoção da saúde em uma perspectiva internacional⁽²⁻⁶⁾.

Apesar de sua inserção incipiente no movimento de internacionalização, a Enfermagem vem conquistando espaços importantes em âmbito nacional e internacional, por meio de intercâmbios acadêmicos, conselhos, redes de pesquisa e publicações internacionais conjuntas, além da Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem, dentre outros. Reconhece-se que vários desafios ainda precisam ser superados, principalmente os relacionados ao domínio de uma segunda língua, os quais têm dificultado a inserção mais proativa nos países de destino dos candidatos, mas, sobretudo, na criação de redes de pesquisa e na produção e publicação de conhecimentos conjuntos.

Dentre as estratégias para superar os desafios da internacionalização, podem ser destacadas as seguintes: aprendizagem obrigatória de uma língua estrangeira desde o ensino básico; inclusão do estudo de línguas estrangeiras no programa de graduação em Enfermagem; incremento da comunicação pessoa-pessoa e trocas significativas com enfermeiros de outros países por meio das redes sociais; valorização da participação de estudantes de todos os níveis em projetos de pesquisa e extensão, bem como incentivo à prática do consumo da literatura científica internacional; adoção de políticas que dinamizem as oportunidades de intercâmbio internacional por órgãos, representantes e instituições; maior investimento na infraestrutura e profissionalização do trabalho realizado pelos editores, avaliadores e autores de periódicos científicos, incluindo sua capacitação e valorização, em um processo de retroalimentação permanente; flexibilização dos currículos de Enfermagem para facilitar o processo de validação de disciplinas; incentivo às metodologias interativas e investigativas, apoiadas por novas tecnologias, a fim de superar os métodos de ensino centrados no professor, sobretudo em disciplinas em que participam estudantes internacionais; ampliação do processo de ensino e pesquisa em rede, por meio de atividades previamente planejadas entre os diferentes atores envolvidos; fomento de acordos bilaterais para ampliar e fortalecer projetos conjuntos de pesquisa entre grupos, isto é, a produção coletiva e a troca de conhecimento para o desenvolvimento econômico-social.

Por mais que o processo de internacionalização da educação superior e da cooperação internacional tenha sido estimulado mundialmente para responder às necessidades do mercado global, os benefícios pessoais e profissionais são inquestionáveis. A internacionalização busca, em suma, valorizar a diversidade, conhecer as características de traços de identidade, enfrentar cenários diversos e complexos, elevar o capital cultural e social, agregar valor à formação profissional, aumentar a autonomia e a resiliência, bem como contribuir para o crescimento profissional e cultural de todos os envolvidos diretamente ou indiretamente no processo.

Referências

1. Knight J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. *J Stud Int Educ.* 2004;8(1):5-32.
2. Silva RC, Viana MCA. As implicações de ser um doutorando em Enfermagem no contexto da internacionalização do conhecimento. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2013;17(2):207-7.
3. Morosini MC. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. *Educ Rev* 2011;27(2):93-112.
4. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Conferência Mundial sobre Ensino Superior: as novas dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social; 2009 jul. 5-9; Paris [Internet]. Paris; 2009 [citado 2014 jul. 27]. Disponível em: http://www.Unesco.org/education/WCHE2009/comunicado_es.pdf
5. Lagunas LF. Internationalization: new challenges for the development of science in nursing and health care [editorial]. *Rev Esc Enferm USP.* 2013;47(5):1013.
6. Muñoz Gonzalez LA. Academic internationalization [editorial]. *Rev Esc Enferm USP.* 2012;46(6):1293.